

Resenha Crítica

Elementos para uma Teoria dos Meios de Comunicação

De Hans Magnus Enzensberger

Por Sofia Gralha

O Livro *Elementos para uma Teoria dos Meios de Comunicação* de Hans Magnus Enzensberger é uma tradução portuguesa do original alemão *Baukasten zu einer Theorie der Medien* escrito em 1970 e impresso originalmente na revista *Kursbuch* 18 (1971) na Alemanha e traduzido para inglês por Stuart Hood para o número 64 da revista política *New Left Review* fundada no Reino Unido em 1960 (Nov/Dez 1970, pp. 13-36). Magnus Enzensberger descreve detalhadamente o desenvolvimento histórico do negócio e o poder dos meios de comunicação, o qual ele intitula “Indústria da Consciência”, esmiuçando o potencial dos mesmos e atacando a falta de capacidade das organizações de esquerda para reconhecer e tirar partido desse potencial como uma ferramenta social. Enzensberger assume uma posição socialista na procura de uma estratégia possível em países capitalistas tecnologicamente avançados para fazer uso correto das capacidades potenciais dos novos media.

Enzensberger, nascido em 1929 na Bavária e crescido em Nuremberg, além de ser conhecido como o maior poeta vivo da Alemanha, tornou-se mundialmente conhecido como ensaísta em diversos campos de conhecimento, através da sua verve crítica e inovadora. É também muito bem reconhecido como jornalista, tradutor, dramaturgo, redator e escritor. Traduziu, para alemão, trabalhos de Fernando Pessoa, William Carlos Williams, Carlos Drummond de Andrade, entre outros. Estudou literatura e filosofia, tendo trabalhado como redator na rádio de Stuttgart, exercido a docência até 1957 com o volume de poesias *Verteidigung der Wölfe* (Defesa dos Lobos), e tendo sido membro do Grupo 47 entre 1965 e 1975. Em 1965 criou a revista *Kursbuch* e desde 1985 edita a série literária *Die andere Bibliothek*. Foi reconhecido com diversos prémios como o *Critics Prize* (1962), *Büchner Prize* (1963), *Pasolini Prize* (1982), *Heinrich Böll Prize* (1985), e um dos mais importantes prémios da Europa, o prémio *Príncipe das Astúrias de Comunicação e Humanidades* (2002), entre outros.

Enzensberger desenvolve o artigo partindo da crítica da Escola de Frankfurt – especialmente das palavras de Adorno e Horkheimer em *Dialektik der Aufklärung* (Dialética do Iluminismo, 1947) – para criar o conceito de *Bewusstseins-Industrie* (Indústria da consciência). Segundo Hans Enzensberger, a Indústria da Consciência, potencializada pelos media eletrónicos, ou novos media, tornou-se, nos anos 60, o gerador de desenvolvimento socioeconómico das sociedades industriais tardias, assumindo cada vez mais comando e controlo sobre todos os outros setores da produção, determinando, assim o padrão da tecnologia dominante. Os novos media, como, por exemplo, os satélites de comunicação, a televisão a cores, as câmaras de vídeo, fotocopiadoras, computadores, bancos de dados, entre outros, relacionam-se entre si e com os media mais antigos, como a imprensa, o rádio, o cinema, a televisão, o telefone, o radar, etc. Estes unem-se e criam um sistema universal.

A indústria da consciência, determinante e universal, é fruto do capitalismo dos monopólios, o qual a limita ao mesmo tempo. Enzensberger crítica, ao longo do artigo, o uso capitalista dos meios de comunicação que cria um monopólio de poder sobre a indústria da consciência, e o espaço que continua em aberto para uma teoria marxista dos media, assumindo que falta uma estratégia útil por meio de uma teoria socialista que dê espaço à mudança, a que ele chama de “Revolução Cultural”. Apenas um levantamento crítico do status quo é insuficiente, e incorre-se no perigo de subestimar

os crescentes conflitos na área dos media, e de apresenta-los como inofensivos, de interpretá-los de modo liberal ou sindical.

Enzensberger critica o uso dos meios de comunicação pelos socialistas da Nova Esquerda de 1960, embora que dentro de uma abordagem socialista. Ele refere que impera a insegurança e oscilação entre o medo e a obsolescência na relação entre a esquerda socialista e as novas forças produtivas da indústria da consciência. Esta postura reflete a ambivalência dos próprios media, e impede que se tenha o poder sobre estes. Segundo Enzensberger, o medo da Nova Esquerda pelos media, reside num preconceito de classe contra as massas e na sensação de que os media são por natureza “impuros”, isto é, que os meios de comunicação eletrónicos acabam com toda a pureza.

Neste sentido, a “Nova Esquerda dos anos 1960 resumiu a evolução dos media num único termo; o da manipulação” (Enzensberger, 2003, p. 27), tendo estabelecido uma tese da manipulação. Esta tese é defensiva na sua essência e nos seus reflexos e pode levar ao insucesso. Como Enzensberger refere “Subjetivamente, a sua base defensiva é uma vivência de impotência. Objetivamente corresponde-lhe a perceção absolutamente correta de que os meios de produção decisivos estão nas mãos do adversário.” (Enzensberger, 2003, p. 27) A tese da manipulação tem como condição básica não verbalizada a crença de que existe uma verdade pura não manipulada, o que se traduz numa perspetiva limitada, uma vez que “não vai além do ataque às condições de património vigentes” (Enzensberger, 2003, p. 28). Esta tese serve ainda de desculpa, de forma que encobre as fraquezas e falhas da perspetiva da sua própria agitação. Esta inaptidão da Nova Esquerda abre caminho para os grupos e movimentos persistentemente apolíticos explorarem as capacidades técnicas e estéticas dos Novos Media, enquanto a esquerda apenas observa estas explorações, caindo como vítima infeliz do comercialismo. Para a Nova Esquerda, radicais e até marxistas, “Do ponto de vista subjetivo, isso leva à divisão entre a prática política, de concepção puritana, e a esfera particular de ‘lazer’. De uma perspectiva objetiva, conduz à divisão entre grupos politicamente ativos e grupos subculturais” (Enzensberger, 2003, p. 31-32).

No entanto, qualquer uso dos media pressupõe manipulação, no sentido em que a manipulação é toda a “intervenção técnica dum determinado material com um fim específico” (Enzensberger, 2003, p. 35). No entanto, “Quando se trata de intervenção socialmente relevante e direta, a manipulação passa a ser um ato político, o que, em princípio, ocorre na indústria da consciência.” (Enzensberger, 2003, p. 35). A questão que reside é quem é que os manipula? (Enzensberger, 2003). Enzensberger defende que um plano revolucionário não deve exigir a eliminação ou desaparecimento dos manipuladores, mas sim que todos se tornem manipuladores. Esta perspetiva tem um lado utópico, uma vez que seria difícil, se não impossível, tornar toda a gente um manipulador. Ainda assim, o ponto principal é o confronto da falsa noção de verdade com que somos confrontados, por exemplo, nas notícias e documentários. Enzensberger defende ainda que “toda a manipulação técnica é potencialmente perigosa”. No entanto, a manipulação dos media não deve ser resolvida através de velhas ou novas formas de censura, mas exclusivamente através de um “controlo social direto, ou seja, pelas massas tornadas produtivas”. Para isso é necessário eliminar as condições capitalistas de património, mas não só. Contudo, o autor não refere diretamente quais os processos adicionais necessários.

Enzensberger alerta para o poder de emancipação dos Novos Media contra o poder de repressão. Um deles é a força mobilizadora que podem exercer sobre as pessoas, isto é, torná-las mais móveis, soltas, leves – “Soltas como dançarinos, presentes de espírito como jogadores de futebol, surpreendentes como guerrilheiros” (Enzensberger, 2003, p. 16). Caso se assuma as massas apenas como objetos políticos, isto é, que as iniba e lhes retire a autonomia, não será possível mobilizá-las, levando à despolitização.

Os novos media, ao contrário dos media mais antigos, tornam possível o efeito recíproco entre o emissor e o recetor, isto é, a comunicação. O autor refere que os media mais antigos eram erradamente chamados de meios de comunicação, uma vez que estes não possibilitavam a comunicação entre as partes, mas sim o seu impedimento. Eram então, apenas meios de distribuição, em que existia apenas um transmissor e vários recetores. Nos novos media, os meios estão nas mãos das próprias massas, possibilitando a resposta do recetor e a transformação do recetor em emissor/produtor. Enzensberger defende que a evolução de um meio de distribuição para um meio de comunicação não é um problema técnico, mas é sim evitado conscientemente, por boas ou más razões políticas. O resultado da separação entre o emissor e o recetor reflete outras dicotomias sociais, como a separação de classes em classes dominantes (capital monopolista) e classes dominadas (massas dependentes). Os novos media são uma estrutura igualitária, onde qualquer pessoa pode utilizá-los ou fazer parte através de um processo de mudança simples. Os novos media acabam com os privilégios educacionais e com o monopólio cultural dos pensadores burgueses.

Os novos media orientam-se pela ação e pelo momento, mas isto não quer dizer que não tenham história ou que não contribuam para a memória e consciência histórica. Enzensberger refere que os novos media, “Pela primeira vez, permitem fixar material histórico de tal forma que este pode ser trazido para o presente a qualquer instância” (Enzensberger, 2003, p. 41-42). Isto quer dizer que o material, escrito ou gravado através dos novos media fica acessível a qualquer momento, ao contrário dos antigos media. Esse processo é sempre manipulação. No entanto, os novos media mantêm disponível a memória a um âmbito social, isto é, acessível a todos.

Enzensberger refere ainda que as ferramentas dos media não são meros meios de consumo, mas ao mesmo tempo meios de produção - “Mais especificamente meios de produção socializados, uma vez que estão nas mãos das massas.” (Enzensberger, 2003, p. 45). Quer isto dizer que os novos media eliminam o contraste entre o produtor e o consumidor, abrindo espaço a novas comunicações e experiências coletivas. Para Enzensberger, apenas uma sociedade socialista livre será capaz de tornar os novos media em meios completamente de produção, o que se comprova pela sua estrutura coletiva. Defende que os meios de comunicação só poderão tornar todos produtores, no futuro, se houver trabalho coletivo, no sentido que “O trabalho individual com os media só será possível na medida em que permaneça socialmente e, logo, seja também esteticamente irrelevante.” (Enzensberger, 2003, p. 49). Adianta que enquanto o indivíduo “permanecer isolado poderá, no melhor dos casos, tornar-se um amador, mas jamais produtor” (Enzensberger, 2003, p. 50). Enzensberger é bastante duro nesta crítica, alegando que se fez uso dos media potencialmente produtores de forma a serem rebaixados a “instrumentos de lazer” (Enzensberger, 2003, p. 50) inofensivos e sem consequências nas mãos de amadores - “O programa produzido pelo amador isolado é sempre e unicamente a reprodução ruim e ultrapassada daquilo que ele normalmente já recebe.” (Enzensberger, 2003, p. 50) E estas palavras de Enzensberger continuam a fazer sentido hoje em dia. O uso individualista e transformado em instrumento de lazer dos media retira-lhes o potencial social e revolucionário, limitando-os a meras ferramentas. Enzensberger refere ainda que “A produção particular dos medias é apenas um trabalho caseiro concessionado.” (Enzensberger, 2003, p. 50). Aqui o conceito de concessão explica da melhor forma o processo de controlo das classes dominadoras, em que se engana as massas fazendo-lhes parecer que têm o controlo de certos medias apesar desse mesmo “controlo” ser controlado, roubando-lhes a liberdade de uso - “Trata-se do equivalente cultural dos famosos juízos políticos sobre a classe operária evidentemente ‘idiotizada’, inapta para qualquer tipo de autodeterminação.” (Enzensberger, 2003, p. 52). Para além deste prejuízo causado às massas, “Soma-se (..) o escárnio triunfante em relação ao facto de que aparentemente não sabem fazer uso dos media” (Enzensberger, 2003, p. 51). Enzensberger acrescenta que ainda se ouve a opinião, daqueles que se

julgam socialistas, que “as massas jamais se poderiam autogovernar” (Enzensberger, 2003, p. 52).

O controlo dos meios de comunicação não pode ser feito através de uma instância central, como George Orwell, escritor e jornalista inglês, defendia. Enzensberger critica George Orwell, chamando-o de “obsoleto”, ou melhor, afirmando que a sua compreensão dos media é “não dialética e obsoleta” (Enzensberger, 2003, p. 21). Afirma ainda que um contexto comunicativo só pode ser calculável estatisticamente através de uma teoria sistémica, e não controlado. Um controlo com base em valores de aproximação leva a uma manipulação deficiente que pode fracassar, resultando num bloqueio de troca de informações e numa ameaça ao regime.

Enzensberger defende que os media e a manipulação destes só devem ser tratados através do controlo social direto, isto é, “pelas massas tornadas produtivas” (Enzensberger, 2003, p. 36). Crítica dizendo que “O medo Comunista de assumir o potencial dos media eletrónicos do processo de aprendizagem autónomo, das capacidades mobilizadoras dos media, da interação dos produtores livres; é uma das principais razões porque, até os países socialistas, a cultura burguesa, muito disfarçados e distorcidos mas estruturalmente intatos, continuam a prevalecer.” (Enzensberger, 2003, p. 36).

No sentido de corrigir o “mau uso” dos media, Enzensberger apresenta uma estratégia socialista, não como um programa específico mas como uma abordagem. Um dos primeiros pontos por ele apontados é o fim do isolamento do indivíduo e o fim dos métodos de produção privada dos pensadores burgueses através da auto-organização dos participantes - “Contra isso [especialmente contra o conceito de concessão falado] toda a estratégia socialista dos media deve procurar o fim do isolamento de cada indivíduo que participa do processo social e produtivo do aprendizado. Isso não é possível sem a auto-organização dos participantes.” (Enzensberger, 2003, p. 55). É ainda mais crítico, referindo que “Aquele que tiver a ilusão de que a liberdade dos media ocorrerá automaticamente se cada um apenas emitir e receber com afinco, cai na falácia de um liberalismo que, sob a dissimulação contemporânea, vende as suas ideias de porta em porta com a conceção murcha de uma harmonia preestabelecida dos interesses sociais” (Enzensberger, 2003, p. 55). Ressalva essa ideia ao afirmar que toda a produção, que tem como objetivo os interesses dos produtores, já pressupõe uma forma coletiva de trabalho e, portanto, esta já é uma forma de auto-organização das necessidades sociais.

Enzensberger questiona também o facto de os meios de produção não estarem presentes de forma maciça nos locais de trabalho, nas escolas, nas repartições burocráticas, e em todas as situações sociais de trabalho. Sugere, portanto, que as massas deveriam ter acesso a formas agressivas de publicidade, assegurando as suas experiências quotidianas retirando delas ensinamentos efetivos. No entanto, e como refere, “obviamente, a sociedade burguesa defende-se de tais perspetivas com uma série de recursos jurídicos” (Enzensberger, 2003, p. 56), alegando uma preocupação “com a proteção de esferas particulares, nas quais não há nada de particular além do interesse dos exploradores.” (Enzensberger, 2003, p. 56). Situação esta que, segundo o autor, só pode ser solucionada através de um “procedimento coletivo e organizado” (Enzensberger, 2003, p. 56-57).

No sentido de superar o estado morto em que a “discussão dialética sobre disciplina/espontaneidade, centralização/descentralização, condução autoritária/desintegração antiautoritária” (Enzensberger, 2003, p. 57), o autor sugere “modelos de comunicação em rede, construídos a partir do princípio da reciprocidade” (Enzensberger, 2003, p. 57), como por exemplo, um jornal de massas escrito e distribuído pelos seus leitores ou uma rede de vídeo de grupos de trabalho político.

Os socialistas têm a ideia de que o “capitalismo atual vive da exploração de necessidades erradas/falsas” (Enzensberger, 2003, p. 59), a qual Enzensberger diz ser apenas meia-verdade, no sentido

em que “A força de atração exercida pelo consumo em massa, porém, não reside na imposição de necessidades falsas, mas na falsificação e exploração de necessidades muito reais e legítimas, sem as quais o processo parasitário da publicidade seria inofensivo. Um movimento socialista não deve apenas denunciar essas necessidades, mas levá-las a sério e pesquisá-las, para torna-las politicamente produtivas” (Enzensberger, 2003, p. 59-60) e mostrar que só podem ser cumpridas através de uma Revolução Cultural. Isto aplica-se também à indústria da consciência, no sentido em que o facto dos novos media serem irresistíveis aos olhos das massas não se deve a “um truque refinado qualquer” (Enzensberger, 2003, p. 60) mas sim “à força imprescindível de necessidades sociais profundas, que mesmo na atual organização corrompida desses media mantêm a sua evidência.” (Enzensberger, 2003, p. 60).

O que Enzensberger pretende notar é o facto dos socialistas e governos socialistas duplicarem a frustração das massas, ao declararem as suas necessidades como falsas e tornando-se cúmplices de um sistema que deveriam combater. Esse sistema de que fala refere-se à falta de interesse dos capitalistas pelos interesses das massas, controlando e manipulando o seu uso em prol dos seus interesses económicos, fazendo um uso repressivo dos media, através de programas controlados centralmente, da evitação da comunicação entre o emissor e o recetor, da imobilização dos indivíduos isolados, do comportamento passivo do consumidor, da despolarização e do controlo por proprietários ou burocratas, inibindo o poder de emancipação dos media.

Enzensberger insiste no reconhecimento e uso do potencial revolucionário dos media através de uma “Revolução Cultural”. Nesse sentido, dá vários exemplos desse potencial, alegando, por exemplo, que “enquanto há apenas 25 anos os massacres dos franceses em Madagascar, que resultaram em aproximadamente 100 mil mortos, eram levados ao conhecimento apenas dos leitores do *Le Monde*, na seção de variedades, e portanto passavam despercebidos e sem maiores consequências na metrópole, os media atualmente empurram as guerras coloniais para os centros do imperialismo.” (Enzensberger, 2003, p. 70). As situações revolucionárias que os media são capazes de gerar “trazem sempre alterações descontínuas para o estado de agregação em os media se encontram, com sustentação por parte das massas” (Enzensberger, 2003, p. 73). Enzensberger refere que a extensão e duração dessas alterações é que determinam até que ponto foi bem-sucedida uma revolução cultural. Aponta ainda que “enquanto a revolução cultural estiver ativa, a fantasia social das massas ultrapassa inclusive os atrasos tecnológicos, transformando os media antigos de tal forma que as suas estruturas são dissolvidas” (Enzensberger, 2003, p. 73).

O autor aponta que a esquerda marxista deve argumentar teoricamente e agir praticamente, usando as forças produtivas mais avançadas da sua sociedade de uma forma estratégica. Trata-se de uma necessidade política. No entanto, os marxistas, à exceção de Walter Benjamin (e em sua sequência, Brecht), não entenderam a indústria da consciência, apenas reconheceram nela o reverso burguês-capitalista, e não as suas possibilidades socialistas. Não existe, portanto, uma teoria marxista dos meios de comunicação. Marxistas baseiam-se na teoria e na negatividade dos media. Exemplo desse atraso teórico e prático é Lukács que acredita que a cultura só terá valor cultural quando o surgimento de todo o produto for um processo uniforme e concluído do ponto de vista do seu criador, afirmando que na indústria das máquinas não existe nenhum vínculo entre o produtor e o produto. Assume, portanto, uma visão negativa da indústria da consciência, assumindo que (cit. in., Enzensberger, 2003) “O homem serve à máquina, adapta-se a ela; a produção torna-se totalmente independente das possibilidades e capacidades humanas do trabalhador” (p. 78) e que estas forças destroem a cultura e comprometem a autenticidade do material, acabando com a “obra como fim a si mesma”. Lukács pergunta quais os valores culturais que uma sociedade pode adotar da cultura antiga para

depois desenvolvê-los, ao que responde (cit. in., Enzensberger, 2003) “não as máquinas impessoais, mas “a ideia do homem, como fim em si, a ideia base da nova cultura” (p. 79). Porém, e pelo contrário, Walter Benjamin vê as possibilidades socialistas dos media. Benjamin aponta que nesta perspectiva de Lukács, vemos o conceito dileitante da arte, alheio a toda a conjectura técnica, que termina, tem o seu fim, com o surgimento da nova técnica.

Estes ideais reacionários, como os de Lukács, prenunciam o realismo socialista que mais tarde enterrou e queimou os “valores culturais” que Lukács tanto se empenhou em salvar.

A insuficiente compreensão dos marxistas pelos novos media, levaram a que houvesse espaço para que apolíticos apresentassem hipóteses e práticas não marxistas, baseadas puramente em intuições, às quais o comunismo não quis dar atenção, ficando em desvantagem. Segundo as palavras de Enzensberger, “esta vanguarda apolítica encontrou seu ventríloquo e profeta na figura de Marshall McLuhan” (Enzensberger, 2003, p. 80), ao qual faltou a teoria para compreender os processos sociais. Ainda assim, o autor refere que ao menos McLuhan entendeu, melhor e de forma mais produtiva, os novos media do que “as comissões ideológicas do partido comunista da União Soviética com as suas regras e decisões intermináveis” (Enzensberger, 2003, p. 81). Enzensberger diz que McLuhan “divide a determinação de minimizar todos os problemas da base económica, o enfoque idealista, a banalização da luta de classes, no azul celeste de um humanismo vago” (Enzensberger, 2003, p. 81). Desvaloriza a sua perspectiva mas refere que a sua frase mais famosa “o meio é a mensagem” comunica que a burguesia dispõe de todos os meios para comunicar mas não faz o uso social necessário desses meios.

Porém, Walter Benjamin, o único teórico marxista que reconheceu as possibilidades de emancipação dos novos media, numa época em que a indústria da consciência estava pouco desenvolvida, analisou essa indústria de uma perspectiva dialético-materialista. Benjamin vê na arte, especialmente no cinema, uma capacidade de dimensão social. Dimensão social essa que resulta da estreita relação existente entre as transformações técnicas da sociedade e as modificações da percepção estética. Segundo Benjamin (cit. in., Enzensberger, 2003) “a reprodutibilidade técnica da obra de arte a emancipa, pela primeira vez na história universal, de sua existência parasitária no rito.” (p. 87). Enzensberger refere que as tendências que Benjamin observou tornaram-se manifestas no ano 1970, com o rápido desenvolvimento da indústria da consciência - “O que até hoje se chamava arte, ficou suspenso pelos media e nos media, num sentido estritamente hegeliano” (Enzensberger, 2003, p. 87).

Na perspectiva de Enzensberger, “os programas da indústria da consciência devem absorver os seus próprios efeitos, assim como as reações e as correções que provocam, do contrário estarão ultrapassadas. Sendo assim, não devem ser percebidos como meios de consumo, porém como meio para a própria produção.” (Enzensberger, 2003, p. 104). Sendo os meios de comunicação, meios de produção, as massas terão acesso total às potencialidades e emancipação dos novos media. Quando as próprias massas se tornarem autoras, “autoras da história”, o autor desaparece inteiramente.

A abordagem dos media por Hans Enzensberger de 1970 é ainda hoje bastante real. Os novos media têm vindo a evoluir e aumentar, tendo condicionado a forma como vivemos e vemos o mundo. Um dos maiores exemplos disso é a internet, sem a qual é já impossível conceber o mundo. Os capitalistas fazem uso da internet e outros medias para fazerem negócios, publicidade e controlar o fluxo de informações e recursos que permitem o Estado funcionar. Também os artistas usam a internet para comunicarem entre si, para realizarem projetos e para conceber novas modalidades de expressão artística. Assim como socialistas, comunistas, neonazistas e fascistas. A internet tornou-se um modelo de comunicação em rede, o qual Enzensberger defendia. Os novos media tornaram-se funda-

mentais e indispensáveis na comunicação aos quais temos um acesso facilitado e maciço, à exceção de alguns pontos no mundo em que ainda é muito limitado e restrito o uso dos media. Mantemos relações não só com pessoas mas também com objetos e bens materiais do nosso quotidiano. O computador é um dos elementos com os quais o Homem mantém uma relação duradora e constante, que se tornou quase imprescindível. Desencadeou-se, portanto, uma quase dependência dos novos media. Portanto, a visão que Enzensberger nos dá ao longo do livro, dos novos media, é coerente ainda hoje. A internet permitiu que qualquer um pudesse tornar-se um produtor e foi evidenciado o poder de comunicação dos novos media. As suas potencialidades são imensas e são mais visíveis, no entanto, os seus perigos também. Enzensberger, em 1970, já tem consciência de alguns dos perigos atuais, ao falar do uso repressivo dos novos media.

Continuamos a deparar-nos com a condição “hipnotizadora” dos novos media que Enzensberger refere. Estamos em contacto constantemente com os Novos Media, com a internet. Inúmeras aplicações lutam pela nossa atenção, somos diariamente confrontados com mensagens publicitárias da aplicação “x” que promete ser superior à aplicação “y” ou “z”. Esta relação de excessos tem vindo a crescer exponencialmente, tendo evidenciado problemas de autonomia e liberdade, que Enzensberger referia, e criado outros problemas que não existiam em 1970 mas que têm a mesma base, como a “appificação” (existência de uma aplicação para tudo), a “gamificação” (utilização de mecanismos de jogo para incitar as pessoas a participarem e ajudarem a ciência), o “solucionismo” (a crença extrema de que é necessário criar uma solução para tudo) e o “internet-centrismo” (propensão para ver a internet como uma ideologia excitante e sedutora), apontados por Evgeny Morozov (2013) em “To Save Everything, click here”. Morozov é severo na sua crítica contra o uso da tecnologia pelas mãos de grandes empresários que prometem salvar o mundo através disso mesmo - os novos media.

A eficiência dos novos meios de comunicação depende do conhecimento social, político e cultural necessário para reconhecer as suas potencialidades também políticas. Como Enzensberger aponta, “pela primeira vez na história, os media tornam possível a participação em massa de um processo produtivo social e sociabilizado, cujos meios práticos se encontram nas mãos das próprias massas”, todos têm acesso ao meios de comunicação, como a internet, para divulgar as suas próprias mensagens. No entanto, pode carecer a importância social dessa mensagem, que leva à sua ineficiência.

Não podemos negar que os novos media permitem e oferecem diversas e novas experiências, que sem a sua existência nunca poderíamos experienciar, no entanto, também não podemos dizer que os novos media não nos recusam outras experiências. Atualmente, com o uso desenfreado dos novos media, ouvimos frequentemente, dentro da sociedade, falar-se que esse uso cria uma dependência no Homem e impossibilita as verdadeiras relações humanas.

A estratégia socialista de que Enzensberger fala, ainda não é hoje visível por completo. Não existe uma auto-organização da sociedade nem uma consciencialização da mesma para os potenciais sociais dos novos media. Estes são transformados em ferramentas de lazer, como Enzensberger referiu, hipnotizando as massas e isolando-as, retirando-lhes a autonomia, liberdade e diferenciação, e ainda criando novos problemas como a falta de privacidade e a falha de educação. O uso dos novos media ainda é controlado pelas massas dominantes, ainda que não da mesma forma que no ano 1970. Morozov refere estes perigos criados através do uso controlado dos novos media pelos grandes empresários de Silicon Valley, dizendo levar a um aumento de problemas, à falta de privacidade, a uma standardização de tudo, à falta de autonomia da sociedade, ao perfeccionismo e falta de diferenciação própria da humanidade, a uma falha de educação e à falta de liberdade.

Acreditar que os novos media “acabam com toda a pureza” e ignorá-los em favor dos velhos meios

de comunicação, permite apenas a não interferência nos rumos da civilização. Temos ao nosso alcance os meios para produzir e divulgar uma mensagem e para nos assegurarmos que essa mensagem tenha destinatários. O espaço virtual é de todos e nele não existem controladores e controlados de forma direta. Ainda assim, poucos são os que tomam essas atitudes. Talvez por medo ou falta de convicção numa Revolução Cultural capaz de mudança.

No entanto, como Enzensberger refere, o espaço fica aberto aqueles que vêm as verdadeiras potencialidades revolucionárias dos novos media e fazem uso deles nesse sentido. Muitos ainda são os que se recusam a ver essas capacidades, que acreditam que a internet proporciona isolamento. Entretanto, o uso individual da internet ou dos novos media em geral, é já uma opção do indivíduo, uma vez que temos a possibilidade de criar paradigmas e fomentar processos sociais, desde que o internauta se associe a outras pessoas com os mesmos ideais ou propósitos semelhantes.

A perspectiva de Enzensberger é ainda muito atual, uma vez que os problemas que ele evidencia ainda estão presentes, no entanto, após mais de 40 anos da sua conceção, a emancipação dos media continua a ser um ideal e não uma realidade.

Referências Bibliográficas

Enzensberger, H. M. (2003 [1970]). *Elementos para uma Teoria dos Meios de Comunicação*, pp. 1-119. São Paulo: Conrad Livros, 2003 [1970]. ISBN 85-8719-362-7.

Davis, R. G. (2004). Hans Magnus Enzensberger: A Marxist media analysis [em linha]. *Jump Cut*. Consultado a 21 Dez 2015 em <http://www.ejumpcut.org/archive/onlinesays/JC08folder/Enzensberger.html>

Ramus (2006). Hans Magnus Enzensberger: Constituents of a Theory of the Media (1970) [em linha]. *Excerpter*. Consultado a 21 Dez 2015 em <https://excerpter.wordpress.com/2006/10/21/hans-magnus-enzensberger-constituents-of-a-theory-of-the-media-1970/>

Domeneck, Ricardo (s. d.). Hans Magnus Enzensberger, intelectual público entre poesia e crítica [em linha]. *DW*. Consultado a 19 Dez 2015 em <http://www.dw.com/pt/hans-magnus-enzensberger-intelectual-p%C3%BAblico-entre-poesia-e-cr%C3%ADtica/a-16613879>

Morozov, Evgeny (2013). *To Save Everything, click here*. PublicAffairs: New York.